

—NoNo, feliz aniversário! — Lu Ming Fei terminou de cantar e disse sorrindo: — Agora não te devo mais nada. O rosto de NoNo brilhava suavemente sob a luz dos fogos de artifício, marcado por finas linhas de lágrimas.— Ei? O que foi? Ficou emocionada comigo? — Lu Ming Fei se aproximou dela, curioso. De repente, ela sorriu, os olhos ainda úmidos, e bagunçou os cabelos de Lu Ming Fei antes de se virar e sair. Ele ficou parado, deixando-a fazer o que quisesse, observando seus passos leves como os de um cervo. Depois de um longo momento, também sorriu.— Ei, junior, você está falando sério? — NoNo continuou andando, mas então falou sem se virar: — Posso aceitar, sabe? Você não me incomoda, e na verdade é divertido ficar com você. Lu Ming Fei parou. Abriu a boca, tentando dizer algo, mas nada saiu. Após um silêncio, perguntou: — Senior, você lembra da história das vinte mil pessoas que eu te contei?— E daí? Quer dizer que eu não sou uma delas? — NoNo retrucou.— Você é uma delas, mas... ainda tem uma garota que não consigo superar — ele murmurou, melancólico.— Você já viveu tanta coisa assim? Tanto eu quanto essa tal garota... — NoNo chutou uma pedrinha no chão, irritada.— Senior, me dá mais um tempo, tá? — Lu Ming Fei parecia angustiado. NoNo fez careta, mudando de assunto: — A propósito, como você conseguiu esses fogos de artifício?— Segredo. Ela revirou os olhos, com suspeitas sobre como ele havia feito aquilo, mas decidiu não comentar.— Posso esperar — sussurrou, quase inaudível. Lu Ming Fei olhou para ela, surpreso. NoNo estava de costas, olhando para o nada, e ele se perguntou se tinha ouvido direito.— Se você não consegue superar, então é mais arrependimento, né? — ela disse.— É... — ele respondeu baixinho. — Na verdade, nem sei bem o que sinto por ela. Só que prometi algo e não cumpri... Por isso me sinto culpado.— Não sei o que foi — NoNo finalmente olhou nos seus olhos —, mas vá em frente. Eu posso esperar. O cérebro de Lu Ming Fei travou. Ele ficou boquiaberto, paralisado.— Ei, junior, acho que estou começando a gostar de você — NoNo, vendo sua reação, recuperou o jeito travesso e decidiu provocá-lo. A boca de Lu Ming Fei abriu ainda mais.— Brincadeira! — Chen Mo Tong apontou para o queixo dele, quase deslocado, e sorriu maliciosamente, erguendo as sobrancelhas afiadas. — Mas quem sabe, dependendo do seu desempenho... Ele sentiu o rosto queimar e, rapidamente, pegou o violão e pulou no carro, encarando o volante como se sua vida dependesse disso.— Senior, entra logo, senão o portão da faculdade vai fechar! NoNo riu alto ao se sentar no banco do passageiro. — Junior, você é muito engraçado.[...]— Não acredito que, mesmo renascendo, ainda acabo sendo babá desse muleque — suspirou Jiu De Ma Yi, transferindo o pagamento final para a empresa de fogos "Floresta Verde". Ao pé da montanha, os funcionários da empresa recolhiam os equipamentos.— Eu também, para de reclamar — a voz de Su En Xi ecoou no fone de ouvido.— Garota Batata, quando voltarmos, vamos abrir uma garrafa para comemorar mais uma missão impossível cumprida — Jiu De Ma Yi esticou suas pernas de modelo.— Só não me chame para beber.[Capítulo 30: Cena 29 - Tudo Por Você]Ronaldo Tang dormiu até o meio-dia. Ele pegou o celular na mesa de cabeceira: 12h36. Arranhou os cabelos despenteados, bocejou e já ia voltar a dormir quando o barulho de um trem lá fora dissipou seu sono.— Que droga... — Ronaldo pulou da cama, resmungando enquanto se vestia. O lugar onde morava era péssimo: sem sol no inverno, sem vento no verão e ao lado dos trilhos do trem. As paredes estavam manchadas de umidade, e o apartamento minúsculo, de menos de 40m<sup>2</sup>, cheirava a mofo. Em dias chuvosos, até musgo crescia nos cantos. Em Nova York, chamavam isso de "moradia econômica". Para alguém como ele, com renda instável e vida arriscada, era o ideal. Afinal, nunca se sabia se a próxima missão seria a última. Lavou o rosto com água fria e engoliu alguns goles de água mineral da garrafa na sala. Só restava um pacote de macarrão instantâneo. Calculou mentalmente o dinheiro que tinha: daria para alguns dias, no máximo. Sentou-se no computador e digitou um endereço familiar. O site, com fundo preto e letras vermelhas, tinha um ar sinistro. Ele rolou a página, navegando pela lista de recompensas. Era um caçador de prêmios, e já estava nisso há anos. Considerava-se um dos melhores, especializado em casos sobrenaturais. Já havia lidado com tudo: tumbas antigas no deserto, navios naufragados em mares gelados... Nada o assustava. Tinha um sexto sentido para isso — sempre encontrava o caminho certo, como se tivesse sorte demais. Abandonou a escola cedo, sem talento para estudos. Órfão desde que se entendia por gente, fora criado num abrigo. O diretor dissera que o encontraram na porta, enrolado num cobertor. Sem habilidades especiais, descobriu o

site de caçadores por acaso e passou a viver de pequenos trabalhos. Até agora, a sorte estava do seu lado. Na vida longa e tediosa que levava, ele não tinha muitos objetivos, mas gostava de dinheiro. Por isso, não se importava de aceitar trabalhos ocasionais, especialmente quando eram emocionantes e ainda por cima remunerados. Às vezes até pensava que, por serem tão empolgantes, faria mesmo sem receber — afinal, para alguém com poucos amigos como ele, jogar videogame e aceitar missões já eram tudo o que sua vida tinha a oferecer. Games eram uma dádiva. Matavam o tempo e ainda serviam como anestesia emocional. Naquele mundo virtual, ele comandava tropas, duelava contra adversários e se deliciava com a sensação de vencê-los. Um de seus poucos amigos virtuais — ou melhor, conhecido online — usava como avatar um urso de cabeça enorme, ganhando o apelido de Urso Cabeção. O tal Urso era um prodígio no jogo StarCraft, capaz de derrotar sozinho todo o grupo. Mas, pouco antes, ele mesmo havia esmagado o Urso seis vezes seguidas, ficando um bom tempo se vangloriando disso. Só que ontem, numa conversa casual, o Urso soltou que jogava usando só o pontinho vermelho do notebook IBM antigo — só pra aumentar a dificuldade, já que os adversários eram fracos demais. Aquilo quase o fez cuspir sangue. Qualquer um que já jogou StarCraft sabe que usar o pontezinho é como tentar limpar o ouvido com um rolo de macarrão: quase impossível. O Urso explicou que não queria ficar enchendo o grupo com histórias de aumentar a dificuldade porque achava isso meio ridículo mesmo. Depois de derrotar todo mundo no canal usando microcontroles perfeitos, começou a jogar só com a mão esquerda. Quando até isso ficou fácil, partiu pro pontezinho. E se um dia até isso não fosse mais desafio? O que faria então pra passar o tempo? Aquilo o deixou feliz. Ele via no Urso um espírito parecido com o seu: ambos faziam coisas sem sentido só pra preencher o vazio. Ambos eram... solitários. O Urso mencionou que estava estudando nos EUA, mas não em Nova York — numa tal de Universidade Cassel, nos arredores de Chicago. Ele já imaginava pegar um ônibus Greyhound e rodar os EUA com o amigo quando ele viesse pra NY. Só não sabia quando isso aconteceria. O som da água fervendo o tirou do devaneio. Correu pra cozinha, abriu o último pacote de macarrão instantâneo e jogou o bloco na panela. Ficou ali, encarando o macarrão amolecendo na água borbulhante. Voltou com a panela pro computador e, de repente, uma solidão avassaladora o invadiu. Clicou no ícone familiar do Urso Cabeção. ... .. — Urso, quando vem pra NY? A gente pega um Greyhound e roda os EUA todinho. Do outro lado, na república, Luming jogava StarCraft contra um oponente humano que até tinha estratégia, mas falhava nos controles finos. No chat, digitava: — Humano contra Zerg não precisa de tanques. Os bons jogadores já nem usam. Enche de fuzileiros e enfermeiras, avança antes dos Zergs evoluírem a velocidade dos Zerglings. Se segurar assim, o cara só vai ficar tentando te desgastar. Se não deixar formar um bando de Hidraliscos, já era. Depois manda as Naves de Batalha e acabou. Foi quando o ícone do QQ piscou. Era o panda safado do Lao Tang. — Assim que der, a gente marca. Mas você vem me buscar no aeroporto, hein? — Luming respondeu num turbilhão de teclas. — Claro que vou. O ícone escureceu. Lao Tang havia saído. Luming não iniciou outra partida. Recostou-se na cadeira e soltou um suspiro. Como resolver a questão do Lao Tang? Ainda não tinha ideia. Antes, pensava com otimismo que "no momento certo, a solução aparece". Mas agora, com o despertar de Lao Tang se aproximando, ele continuava na república, afundado em jogatina com o Fen. O frasco com os restos de Constantino já estava recuperado. Em alguns dias, o diretor Angre provavelmente sabotaria a autópsia para liberar e matar o dragão. Ele não podia deixar isso acontecer de novo. Mas como impedir que as memórias de Norton devorassem Lao Tang? — Tenho que arrumar um jeito de ir pra NY... — murmurou. — O quê? Vai pra NY? — Fen, que dormia como uma pedra, acordou num pulo. — Leva eu também! Luming olhou pra ele e viu a expressão congelada no rosto do amigo. — Irmão, impedir que seu amigo seja consumido por Norton é simples — uma voz surgiu atrás dele. — Como? — virou-se e viu Xiaomo, de pijama estampado com pandas fofos. — Crie memórias boas. Assim, as emoções humanas vão prevalecer — Xiaomo estalou os dedos, despreocupado. — Que roupa é essa? — Tava dormindo. Quando senti sua preocupação, vim correndo — Xiaomo fez cara de inocente. — Tá vendo como sou um irmão dedicado? — Muito bom — Luming afagou sua cabeça. — Mas como criar essas memórias? — Leve ele pra passear em NY. Quando Norton despertar, deixa comigo — o garoto bateu no peito, confiante. — Então levar o Fen não seria má ideia... — Luming olhou pro

amigo paralisado, com uma expressão hilária. — Ele é puro entretenimento, ótimo pra dar um clima. — Combinado, então — Xiaomo tapou a boca num bocejo. — Volto a dormir. Ah, e traga seu amigo pra Cassel. Podemos resolver o caso dele e o do Constantino juntos. — Isso soou meio... assassino — Luming coçou a cabeça. O tempo voltou a fluir. Fen se jogou nos pés dele. — Leva eu, por favor! — Pode ser — Luming sorriu.— Eita, por que tão fácil assim? — Finagle soltou a perna dele, desconfiado. — Você não tá tramando algo contra mim, tá?— Quer ir ou não? — Lu Mingfei revirou os olhos. — Se quer mesmo, me avisa que eu peço licença pro diretor.— Que atitude! — Finagle ergueu o polegar.— Acha pouco? — Lu Mingfei bufou, orgulhoso. — Sou o cara que ganhou a bolsa do diretor, tá ligado?[...]A sala do diretor era um lugar incrível. O ar carregava um leve aroma de madeira envelhecida, e tudo ao redor brilhava com o lustro de móveis antigos. Estantes de livros que iam do chão ao teto, divididas em dois andares, lotadas de volumes. Escadas de madeira serpenteavam pelo espaço, criando cantinhos isolados, como uma gaiola gigante.O diretor Angre despejou um fio de líquido vermelho-escuro do bule de porcelana, acompanhado por uma fumaça branca e densa, direto na xícara.— Chá Ceilão do Sri Lanka, da região de Uva, colhido em agosto. Muito encorpado. Recomendo saborear com atenção. Quer leite?— Valeu, mas não. Não entendo muito de chá — ele coçou a cabeça.Lu Mingfei sentou-se sob o claraboia, tomando um gole do "chá especial do diretor". A luz do sol filtrada pelo vidro fosco banhava seu corpo.— Olá, Lu Mingfei. Achei que nosso primeiro encontro seria em sala de aula — Angre sorriu, sentado atrás da mesa. — O que te traz aqui?— É o seguinte, diretor — Lu Mingfei pousou a xícara. — Preciso de um dia de licença pra ir até Nova York.— Oh, pode me dizer o motivo? — Angre continuou a fitá-lo com um sorriso.— Tenho um amigo lá que tá meio instável emocionalmente. Queria passar uns dias com ele, ajudar a distrair a cabeça — Lu Mingfei passou a mão pelos cabelos.— Ronald Don? — Angre soltou o nome.Lu Mingfei deu um pulo interno. — Como o senhor sabe dele?— Não esqueça que a Norma pode acessar os históricos de conversa de vocês a qualquer momento — Angre explicou. — Mas, claro, não tenho o hábito de bisbilhotar a vida dos alunos.— Ah, tá... — Lu Mingfei balbuciou. — E tem o Finagle também. Ele quer ir comigo.— Finagle... ele ainda não se formou? Achei que já estivesse por aí fazendo missões... — Angre esfregou os olhos, cansado. — Qual o nível dele agora?— Se não me engano... "F"? — Lu Mingfei respondeu, incerto.— Sabe, na época, eu mesmo avalei ele como "A". Agora que penso, até que foi meio constrangedor — Angre comentou. — Mas, depois de oito anos repetindo, acho que perder mais alguns créditos não vai fazer diferença. Tá liberado.